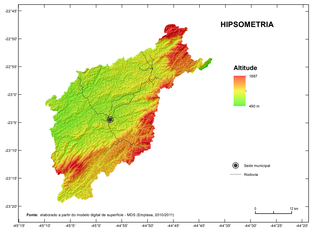
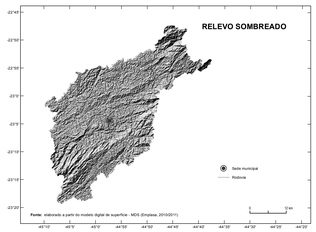
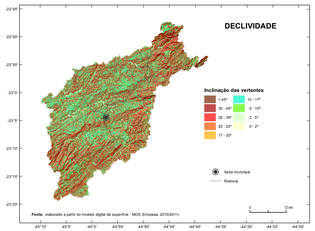


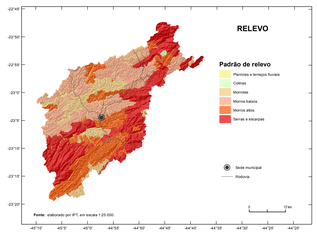
Fonte: elaborado a partir do modelo digital de superfície - MDS (Empresa, 2010/2011).



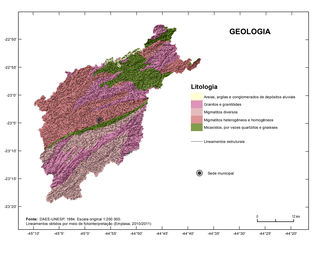
Fonte: elaborado a partir do modelo digital de superfície - MDS (Empresa, 2010/2011).



Fonte: elaborado a partir do modelo digital de superfície - MDS (Empresa, 2010/2011).

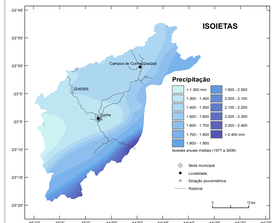


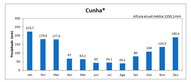
Fonte: elaborado por IPT, em escala 1:25.000.



Fonte: DAEE-UNESP, 1984. Escala original 1:250.000.
Lineamentos obtidos por meio de fotointerpretação (Empresa, 2010/2011).

PRECIPITAÇÕES MÉDIAS ANUAIS E MENSAIS





* Médias mensais estimadas a partir das séries de médias mensais.

Fonte: Atlas Pluviométrico do Brasil (PINTO et al., 2011).

EQUAÇÃO DE CHUVAS

Equação Intensidade-Duração-Frequência (IDF) adotada para Cunha a partir dos dados da Estação Pluviográfica Campo de Cunha (Código DAEE D1-005R e Código ANA 02244015):

10min ≤ t ≤ 24 h

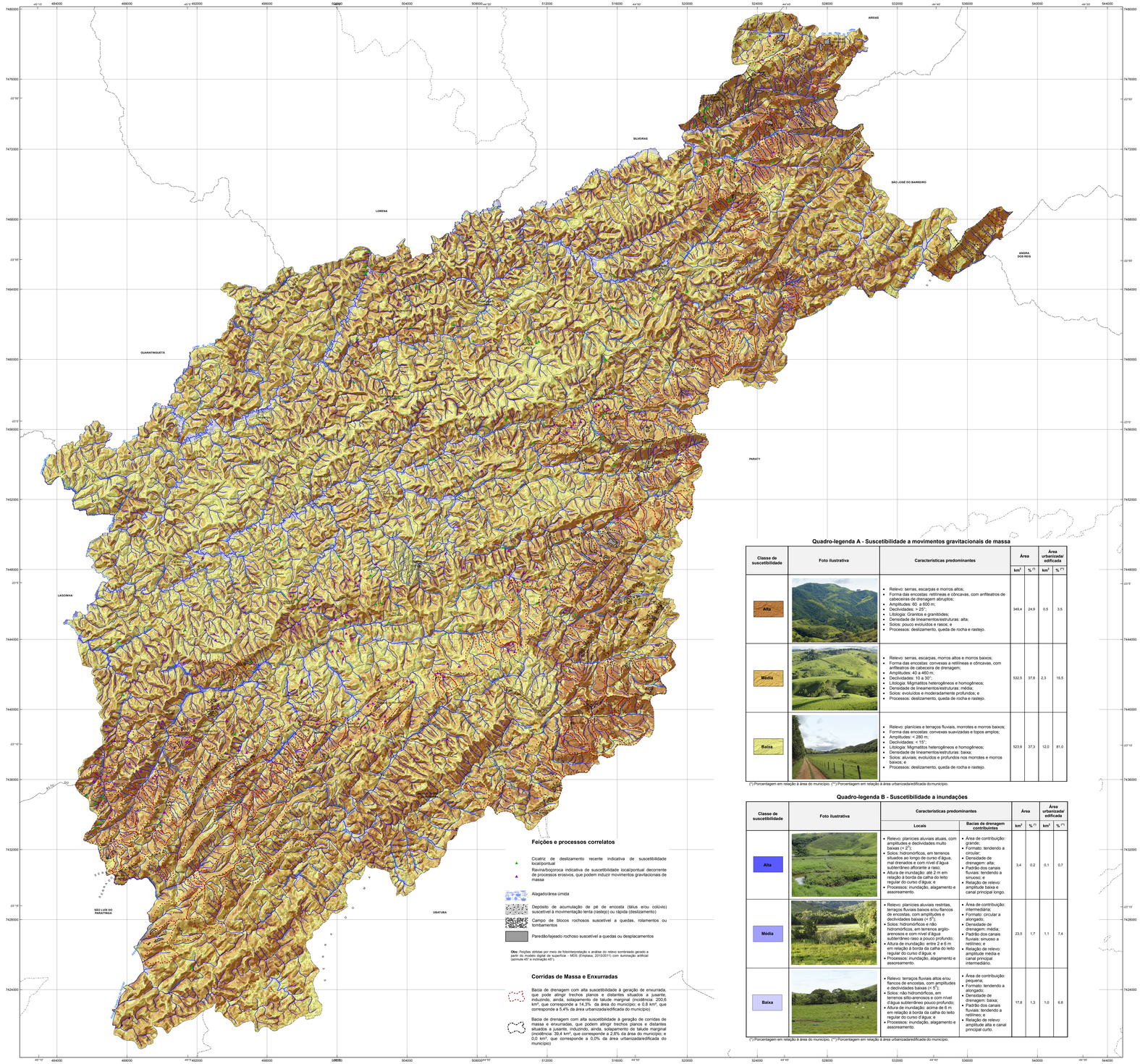
$$i = \frac{2.766,37 \cdot 0,1633}{(t+22,2)^{0,9673}}$$

Onde:

i é a intensidade da chuva (mm/h)
T é o tempo de retorno (anos)
t é a duração da precipitação (minutos)

Esta equação é válida para tempos de retorno até 35 anos.

Fonte: elaborado por CPRM, com base em Pinto (2013).



Quadro-legenda A - Suscetibilidade a movimentos gravitacionais de massa

Classe de suscetibilidade	Foto ilustrativa	Características predominantes	Área		Área urbanizada/ edificada	
			km²	% (*)	km²	% (**)
Alta		• Relevo: serras, escarpas e morros altos; • Forma das encostas: retilíneas e côncavas, com anfiteatros de cabeceiras de drenagem abruptos; • Amplitudes: > 600 m; • Declividades: > 30°; • Litologia: Granitos e granitoides; • Densidade de lineamentos/estruturas: alta; • Solos: pouco evoluídos e rasos; e • Processos: deslizamento, queda de rocha e rastejo.	349,4	24,9	0,5	3,5
Média		• Relevo: serras, escarpas, morros altos e morros baixos; • Forma das encostas: convexas a retilíneas e côncavas, com anfiteatros de cabeceira de drenagem; • Amplitudes: 40 a 460 m; • Declividades: 10 a 30°; • Litologia: Migmatitos heterogêneos e homogêneos; • Densidade de lineamentos/estruturas: média; • Solos: evoluídos e moderadamente profundos; e • Processos: deslizamento, queda de rocha e rastejo.	532,5	37,8	2,3	15,5
Baixa		• Relevo: planícies e terraços fluviais, morrotes e morros baixos; • Forma das encostas: convexas suavizadas e topos amplos; • Amplitudes: < 280 m; • Declividades: < 15°; • Litologia: Migmatitos heterogêneos e homogêneos; • Densidade de lineamentos/estruturas: baixa; • Solos: aluviais; evoluídos e profundos nos morrotes e morros baixos; e • Processos: deslizamento, queda de rocha e rastejo.	523,9	37,3	12,0	81,0

(*) Porcentagem em relação à área do município. (**) Porcentagem em relação à área urbanizada/edificada do município.

Quadro-legenda B - Suscetibilidade a inundações

Classe de suscetibilidade	Foto ilustrativa	Características predominantes		Área		Área urbanizada/ edificada	
		Locais	Bacias de drenagem contribuintes	km²	% (*)	km²	% (**)
Alta		• Relevo: planícies aluviais atuais, com amplitudes e declividades muito baixas (< 2°); • Solos: hidromórficos, em terrenos situados ao longo de curso d'água, com lençol freático raso e/ou com água subterrânea aflorante na superfície; • Altura de inundação: até 2 m em relação à borda da calha do leito regular do curso d'água; e • Processos: inundação, alagamento e assoreamento.	• Área de contribuição: grande; • Formato: tendendo a circular; • Densidade de drenagem: alta; • Padrão dos canais fluviais: tendendo a sinuoso; e • Relação de relevo: amplitude baixa e canal principal longo.	3,4	0,2	0,1	0,7
Média		• Relevo: planícies aluviais restritas, terraços fluviais baixos e/ou flancos de encostas, com amplitudes e declividades baixas (< 5°); • Solos: hidromórficos e não hidromórficos, em terrenos argilo-arenosos e com nível d'água subterrâneo raso a pouco profundo; • Altura de inundação: de 2 a 6 m em relação à borda da calha do leito regular do curso d'água; e • Processos: inundação, alagamento e assoreamento.	• Área de contribuição: intermediária; • Formato: circular a alongado; • Densidade de drenagem: média; • Padrão dos canais fluviais: sinuoso a anastomosado; • Relação de relevo: amplitude média e canal principal intermediário.	23,5	1,7	1,1	7,4
Baixa		• Relevo: terraços fluviais altos e/ou flancos de encostas, com amplitudes e declividades baixas (< 5°); • Solos: não hidromórficos, em terrenos silto-arenosos e com nível d'água subterrâneo pouco profundo; • Altura de inundação: acima de 6 m em relação à borda da calha do leito regular do curso d'água; e • Processos: inundação, alagamento e assoreamento.	• Área de contribuição: pequena; • Formato: tendendo a alongado; • Densidade de drenagem: baixa; • Padrão dos canais fluviais: tendendo a retilíneo; e • Relação de relevo: amplitude alta e canal principal curto.	17,8	1,3	1,0	6,8

(*) Porcentagem em relação à área do município. (**) Porcentagem em relação à área urbanizada/edificada do município.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA
SECRETARIA DE GEOLOGIA, MINERAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO MINERAL

MINISTRO DE ESTADO
Edson Lobão

SECRETARIA EXECUTIVA
Márcio Pereira Zimmermann

SECRETÁRIO DE GEOLOGIA, MINERAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO MINERAL
Carlos Nogueira da Costa Júnior

CPRM - SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL

DIRETOR-PRESIDENTE
Manoel Barretto da Rocha Neto

DIRETOR DE HIDROLOGIA E GESTÃO TERRITORIAL
Thales de Queiroz Sampaio

DIRETOR DE GEOLOGIA E RECURSOS MINERAIS
Roberto Ventura Santos

DIRETOR DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS E DESENVOLVIMENTO
Antônio Carlos Bacelar Nunes

DIRETOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS
Eduardo Santa Helena da Silva

Departamento de Gestão Territorial
Cassio Roberto da Silva

Departamento de Hidrologia
Frederico Cláudio Peixinho

Coordenação Nacional
Sandra Fernandes da Silva

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO – IPT

CENTRO DE TECNOLOGIAS GEOAMBIENTAIS – CTGeo

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação
Omar Yazbek Bitar
Tania de Oliveira Braga
Carlos Geraldo Luz de Freitas

Execução
Laboratório de Recursos Hídricos e Avaliação Ambiental
Álvaro Camargo Kopezynski
Amarilis Lucia Casteli Figueiredo Gallardo
Ana Candida Melo Cavani Monteiro
Ana Clara Cerminaro
Ana Maciel de Carvalho
Ana Maria de Azevedo Dantas Marins
Andrea Cristina Dias
Antonio José Carlo Baladore
Benedito Nachbar
Caio Pompeu Carvalheri
Carlos Geraldo Luz de Freitas
Caroline Cristina Ferreira Keresztes
Clarbson Terrell
Fausto Luis Stefani
Fernando Fernandez
Guilherme de Paula Santos Cortez
José Luiz Albuquerque Filho
Lizandra Luz Callegari
Maria Cristina Motta de Toledo
Maria Cristina Jacinto de Almeida
Nádia Franqueiro Correa
Nivaldo Paulon
Omar Yazbek Bitar
Pedro Paulo Calil Youssef
Priscila Barreiros
Priscilla Moreira Argentin
Roberto Tadeo Porto Salate
Rodrigo Augusto Stabile
Sérgio Gouvêa de Azevedo
Sofia Julia Alves M Campos
Tania de Oliveira Braga

Laboratório de Riscos Ambientais
Agostinho Tadashi Ogura
Alessandra Cristina Corsi
Aline Fernandes Heleno
Claudio Luiz Ridente Gomes
Eduardo Soares de Macedo
Fabricio Araujo Miranda
Gerson Salviano de Almeida
Kátia Canil
Marcelo Fischer Gramani
Zeno Hellmeister Junior

CENTRO DE TECNOLOGIAS DE OBRAS DE INFRAESTRUTURA – CTOBRAS
Seção de Geotecnia
Alessandra Gonçalves Siqueira
Lauro Kazumi Dehira
Seção de Materiais Naturais e Tecnologia Cerâmica
Carlos Tadeu de Carvalho Gamba

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Convenções Cartográficas

- Sede municipal
- Via pavimentada
- Via sem pavimentação
- Curva de nível (espaçamento 20m)
- Curso d'água
- Massa d'água
- Área urbanizada/edificada
- Limite municipal

Fonte: Sistema viário e áreas urbanizadas/edificadas obtidos por meio de fotointerpretação (Empresa , 2010/2011). Obs.: áreas urbanizadas/edificadas correspondem a urbanizadas propriamente ditas, equipamentos urbanos, assentamentos precários, chácaras e loteamentos (Empresa, 2010/2011; Empresa, 2011). Demais informações - IGC, a partir de IBGE (declarada de 1970).

Nota: Documento cartográfico complementar ao Objeto 0602 do Programa de Gestão de Riscos e Resposta a Desastres Naturais, incluído no Plano Plurianual 2012-2015 do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Sua elaboração considera, entre outras referências, as diretrizes contidas no manual para zoneamento de susceptibilidade, perigo e risco a deslizamento, publicado em 2008 pelo Comitê Técnico de Deslizamentos e Taludes Construídos, das associações técnico-científicas internacionais de geologia de engenharia e engenharia geotécnica (ISSMGE, IAEG e ISRM - *JTC-1*) e traduzido em 2013 pela ABGE e pelo IPT. Trata-se de um instrumento de caráter preventivo, que pode auxiliar no processo de planejamento e gestão do território, apontando-se áreas quanto ao desenvolvimento de processos do meio físico que podem ocasionar desastres naturais. As informações geradas para a elaboração da carta estão em conformidade com a escala 1:25.000, podendo eventualmente ser apresentada em escalas menores. A utilização da carta pressupõe a consulta prévia ao documento técnico que a acompanha, denominado "Cartas de Susceptibilidade a Movimentos Gravitacionais de Massa e Inundações, 1:25.000 - Nota Técnica Explicativa". O zoneamento apresentado é de nível básico e está fundamentado em fatores naturais predisponentes (declividade, amplitude, forma de encosta, litologia, densidade de lineamentos/estruturas) observados em campo. As zonas apontadas na carta indicam áreas de predominância quanto ao processo analisado. Não indica a trajetória e o raio de alcance dos materiais mobilizáveis e tampouco a interação entre os processos. A classificação relativa (alta, média, baixa) aponta áreas onde o propensão ao processo é maior ou menor em comparação a outras. Dentro das zonas pode haver áreas com classes distintas, mas sua identificação não é possível devido à escala da carta. Nos terrenos, a transição entre as classes tende a se apresentar de modo mais gradual. Suscetibilidade baixa não significa que os processos não poderão ser observados ou que não possam ocasionar danos em circunstâncias específicas. Eventuais danos associados a processos pode alterar localmente a classe indicada. O zoneamento não pode ser utilizado para avaliar a estabilidade dos terrenos, bem como não se destina a emprego em escala que não seja a de origem, sendo que tais usos inapropriados podem resultar em conclusões incorretas. Estudos mais detalhados em nível local são necessários, particularmente em áreas de suscetibilidade alta e média, visando a definição de setorização de risco. Nas áreas urbanizadas/edificadas, ressalva-se o fato de que as classes indicadas podem estar alteradas, para mais ou para menos, a depender do grau de influência da ocupação existente. A incidência de suscetibilidade alta em áreas urbanizadas pressupõe condições com potencial de risco maior e requer estudos específicos.

CARTA DE SUSCETIBILIDADE A MOVIMENTOS GRAVITACIONAIS DE MASSA E INUNDAÇÕES

MUNICÍPIO DE CUNHA - SP

1:75.000

0 0,5 1 2 3
km

PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR
Origem da quilometragem UTM, Equador e Meridiano Central 45° W Gr.,
acrescidas as constantes 10.000km e 500km, respectivamente.
Datum horizontal: SIRGAS2000

JANEIRO 2014
Revisão 03 - Março 2015

ipt PAC CPRM Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral Ministério de Minas e Energia GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA